

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
KLEVERSON BRUNO GONZALEZ DE AMORIM

**CONCEPÇÕES SOBRE A MORTE E O MORRER PARA
PROFISSIONAIS DE SAÚDE EM PROCESSO DE FORMAÇÃO EM
PROGRAMAS DE RESIDÊNCIAS: UMA REVISÃO
INTEGRATIVA DE LITERATURA**

DOURADOS

2023

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
KLEVERSON BRUNO GONZALEZ DE AMORIM

**CONCEPÇÕES SOBRE A MORTE E O MORRER PARA
PROFISSIONAIS DE SAÚDE EM PROCESSO DE FORMAÇÃO EM
PROGRAMAS DE RESIDÊNCIAS: UMA REVISÃO
INTEGRATIVA DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Residência apresentado
ao programa de Programa de Residência
Multiprofissional em Saúde. Ênfase: Atenção
Cardiovascular, sob orientação do professor Dr.
Rafael Henrique Silva.

DOURADOS

2023

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório que objetiva, por meio da revisão integrativa, conhecer e analisar as concepções sobre a morte e o morrer para profissionais de saúde em processo de formação em Programas de Residências. A presente investigação parte do pressuposto de que a morte põe fim à vida e se constitui como verdade absoluta, onipresente e indissociável da condição humana, contudo, ainda tem sido negada e permanece distante do processo formativo. A busca por artigos científicos ocorreu nas bases de dados Portal de Periódicos da CAPES e Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC-BVS), utilizando os descritores “morte”, “residência”, “internato”, “percepção”, “educação” e “atitude frente à morte”. Foram selecionados sete artigos, publicados de 2016 a 2022. Por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin, os resultados apresentados nos artigos foram organizados em três categorias: concepções sobre a morte e o morrer; sentimentos manifestos no contato com a morte e o morrer; e educação para a morte. Os resultados indicaram uma pluralidade de concepções sobre a morte e o morrer. Os residentes apontaram sentimentos de medo, angústia, tristeza, impotência e despreparo profissional frente à realidade da finitude humana. Espera-se que este estudo gere reflexões, fomentando o debate comunitário e acadêmico à execução de novas pesquisas científicas sobre a temática.

Palavras-chave: Atitude frente à morte; morte; residência; educação.

ABSTRACT

This is an exploratory qualitative research that objective, through an integrative review, to know and analyze the conceptions about death and dying for health professionals in the training in Residency Programs. The investigation is based on the assumption that death puts an end to life and constitutes an essential and inseparable from the human condition, however it has still been denied and remains distant from the formative process. A search for scientific articles was carried out in the databases of CAPES and PePSIC-BVS, using the descriptors “death”, “residency”, “internship”, “perception”, “education” “attitude towards death”. Seven articles were selected, published from 2016 to 2022. Through the Content Analysis proposed by Bardin, the results presented in the articles were organized into three categories: conceptions about death and dying; feelings manifested in the contact with death and dying, and education for death. The results indicated a plurality of conceptions about death and dying. Residents pointed out feelings of fear, anguish, sadness, impotence and professional unpreparedness in the face of the reality of human finitude. It is hoped that this study will generate reflections, encourage community and academic debate and the execution of new scientific research on the subject.

Keywords: attitude towards death; death; residency; education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Referências encontradas, filtradas, excluídas e incluídas na primeira etapa....	17
Tabela 2 – Referências encontradas, filtradas, excluídas e incluídas na segunda etapa....	18
Tabela 3 – Referências encontradas, filtradas, excluídas e incluídas na terceira etapa.....	18
Tabela 4 – Estudos selecionados para análise de dados.....	19
Tabela 5 – Aspectos metodológicos dos artigos selecionados.....	21

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO: PALAVRAS INICIAIS.....	04
2. INTRODUÇÃO: PENSAR SOBRE A MORTE É REFLETIR SOBRE A VIDA.....	05
3. REVISÃO DA LITERATURA.....	09
3.1 Concepções sobre morte: a negação nem sempre esteve presente.....	09
3.2 Educar para a morte: para que seja possível viver.....	12
4. MÉTODOS.....	14
5. RESULTADOS.....	17
6. DISCUSSÃO.....	22
6.1 Concepções sobre a morte e o morrer	22
6.2 sentimentos manifestos no contato com a morte e o morrer.....	25
6.3 Educação para a morte.....	27
9. CONCLUSÃO.....	30
Referências.....	32
Apêndice.....	34

1 APRESENTAÇÃO: PALAVRAS INICIAIS

Primeiramente, é indispensável a realização de algumas considerações sobre a escolha do tema da presente revisão integrativa de literatura. Nos parágrafos que se seguem a escrita se dará em primeira pessoa, pois na qualidade de pesquisador estou intimamente envolvido no processo de escolha do objeto de estudo.

Destarte, o tema do presente trabalho surgiu durante o meu primeiro ano de formação no Programa de Residência em Área Profissional da Saúde do Hospital Universitário da Grande Dourados (PSRAPS/HUGD). Na ocasião, realizei debates teórico-práticos sobre a temática da finitude humana, além de acompanhar, sob supervisão da preceptoria, pacientes que vivenciavam a morte simbólica do corpo saudável e a morte concreta, isto é, perdiam a vida em decorrência do adoecimento, de agravos e/ou de condições crônicas e agudas.

Atender indivíduos que atravessavam o processo de morte e morrer foi uma das experiências mais desafiadoras que já experimentei ao longo de meu processo formativo e profissional. Cuidar dos pacientes terminais e de seus familiares foi inquietante, mas valoroso, na medida em que pude aprender sobre a morte e sobre a vida. No entanto, esse processo revelou fragilidades em minha formação e a percepção de que não somos preparados para a morte de forma efetiva. Nessa direção, observei que muitos profissionais residentes, de diferentes profissões, não conseguiam lidar com a temática da finitude. A partir destas observações realizei o seguinte questionamento: quais as concepções sobre a morte e o morrer para profissionais da área da saúde em processo de formação em Programas de Residências?

Desse modo, responder a esta indagação é indispensável para que seja possível colocar em debate o processo formativo e o fazer de diversos profissionais que atuam na área da saúde. Estudos, em diferentes campos do conhecimento têm apontado que os profissionais da saúde, constantemente, se veem paralisados e não sabem como agir diante da morte e do morto, pois há um *gap* no processo formativo desses sujeitos. A finitude permanece à margem ao longo da formação profissional (CHAGAS, 2018; NUCCI, 2021). Isto posto, compreende-se que colocar em debate a finitude humana é de fundamental importância, visto que as concepções sobre este fenômeno, apresentadas por esses sujeitos, indicam se estes foram ou não educados para a morte.

Por fim, objetiva-se que as discussões fomentadas neste trabalho contribuam para a formação profissional na área da saúde, pois trabalhadores bem capacitados desempenham suas atividades de modo efetivo e respondem adequadamente às situações e imprevistos que surgem na realização de suas atividades. Com isso, reafirma-se o compromisso social, ético e político da presente investigação.

2 INTRODUÇÃO: PENSAR SOBRE A MORTE É REFLETIR SOBRE A VIDA

O presente Trabalho de Conclusão de Residência (TCR) teve por objetivo, por meio da revisão integrativa da literatura, conhecer e analisar as concepções sobre a morte e o morrer para profissionais de saúde em processo de formação, presentes em Programas de Residências. A morte, aqui, será colocada em perspectiva contrastiva, dentro de um determinado quadro da psicologia da saúde, na medida em que este tema é estudado em várias áreas e domínios do conhecimento – seja na teologia, na literatura, ou mesmo na antropologia, citando alguns exemplos.

Na literatura – lócus privilegiado, por excelência, da experimentação humana através de um espaço ficcional, sempre calcado e criado a partir de elementos que medeiam o real humano, numa concepção ocidental – a morte é representada de diversas maneiras e por diferentes períodos estéticos. Analisar a forma com que a morte é retratada por determinado personagem ou contexto ficcional ajuda-nos a iluminar melhor determinada sociedade que produz aquele tipo de escrita, e mesmo entender a concepção de morte para aquela mesma comunidade (CHAGAS, 2018).

Na antropologia, de maneira análoga, ao se estudar como determinada cultura ou determinado grupo social se organiza ao redor da morte, como lida com ela, quais suas crenças e rituais e quais elementos estruturais que engendram aquele determinado comportamento e cultura, nos ajuda a ter uma visão ímpar sobre o fenômeno em questão e colocá-lo em perspectiva para melhor elucidá-lo (RODRIGUES, 2006).

Embora todas essas formas de análise não deixem de ser interessantes, a morte, aqui, será colocada em perspectiva dentro de um quadro possível da psicologia, para que, além das representações atribuídas a esta, seja possível conhecer os sentimentos e pensamentos experienciados por estes profissionais em formação – residentes na área de saúde –, no trato e no convívio com a terminalidade humana. Observa-se na prática que o contato com a morte e/ou sua possibilidade gera, nos residentes, pensamentos e sentimentos difíceis de serem experienciados, integrados e assimilados, colocando-os, muitas vezes, diante da impotência e do não saber agir.

Parte-se do pressuposto de que a morte põe fim à vida e se constitui como verdade absoluta, onipresente e indissociável da condição humana. A palavra morte agrega uma infinidade de concepções e significados, que transitam do conhecimento popular ao científico. Com os avanços do conhecimento científico, a morte passou a ser compreendida como um processo, e hoje é constatada quando vários sistemas biológicos deixam de funcionar de modo

irreversível, isto é, quando todos os recursos científicos, tecnológicos e humanos não são suficientes para reverter o quadro clínico de um paciente. Esse diagnóstico é composto por diversos critérios e indicadores biofisiológicos, que permitem ao médico confirmar ou não a morte clínica e/ou encefálica. Por meio dessas análises, é possível dizer se o processo de morrer experimentado pelo indivíduo chegou ao fim (LUPER, 2010).

De acordo com Escudeiro (2011) e Kovács (2011) a morte comporta duas dimensões: é ao mesmo tempo um fato natural – parte do ciclo vital – que equipara os sujeitos, diante dela todos se tornam iguais, ou seja, mortais. Em contrapartida, como fato social, revela as desigualdades engendradas pela organização econômica e social, pois nem todos vivem e morrem nas mesmas condições. A morte pode ainda ser classificada como simbólica ou concreta, haja vista que, ao longo do desenvolvimento, o ser humano vivencia não só a perda concreta do objeto amado, mas também a morte simbólica do corpo infantil, dos sonhos, projetos e relacionamentos, portanto, há mortes no plural.

Assim, a transitoriedade da vida e a possibilidade do aniquilamento revelam-se aos seres humanos, primeiramente, através da perda concreta do outro. Enquanto produto social, a morte de alguém querido, amado, ou mesmo desconhecido, traz à cena a morte individual e coletiva, isto é, a morte do outro reflete a morte do eu e aponta para a morte do nós. Portanto, o aniquilamento não coloca fim somente à existência individual, mas anuncia a morte da coletividade e evidencia que a vida e as criações humanas são temporais, se perdem no tempo e se esvaem por entre os dedos. A finitude comunica que não é possível retroceder no tempo, há apenas uma oportunidade. A existência requer urgência. (CHAGAS, 2018; RODRIGUES 2006; NUCCI, 2021).

Contudo, a sociedade contemporânea não prepara os sujeitos para a realidade da perda e da morte, esta continua sendo objeto de negação – tema impertinente, mas paradoxalmente presente –, de um lado diversos canais de televisão e redes sociais noticiam milhares de mortes, de outro, impera o silêncio e/ou discussões incipientes e restritas sobre a terminalidade humana, sobretudo no meio acadêmico. Ainda hoje, diversas instituições educacionais apresentam resistência e desinteresse na incorporação da morte como disciplina institucionalizada (CHAGAS, 2018; KOVÁCS, 2021; NUCCI, 2021). Assim, os sujeitos escutam sobre a morte como um dado, uma estatística e até mesmo uma possibilidade, mas não há espaço genuíno para a reflexão e compreensão da finitude humana. “E o silêncio sobre a morte em uma sociedade que tem a morte como sua realidade mais barulhenta é o paradoxo dos paradoxos” (RODRIGUES, 2006, p. 101).

Nessa direção, diferentes pesquisas e estudos sobre a terminalidade têm demonstrado que a sociedade ocidental culturalmente é levada a fugir de temas que causam inquietação e sinalizam mal-estar. Atualmente, observa-se uma postura diferente dos indivíduos diante do ciclo vital, há intensa dificuldade na aceitação da morte como parte integrada da condição humana, haja vista que os seres humanos, além de outros animais, nascem, vivem e morrem. Apesar disso, não se educa para a morte e para a experiência do sofrimento, mas para o silenciamento e fuga de eventos desagradáveis, busca-se a felicidade e o bem-estar a qualquer preço (CHAGAS, 2018; ESCUDEIRO, 2011; KOVÁCS, 2021; KÜBLER-ROSS, 2017; MARANHÃO, 1998).

Destarte, a finitude humana torna-se poderosa inimiga a ser combatida e derrotada, especialmente por meio do conhecimento científico, desenvolvimento tecnológico e utilização de todos os recursos possíveis para manter um paciente vivo. Essa realidade comprova que, para a sociedade contemporânea – pautada no ideal de felicidade, beleza e perfeição –, sentimentos e pensamentos difíceis tornam-se repugnantes. Na tentativa de fuga e esquiva de experiências que provocam sofrimento, a morte deixa de ser um tema presente, uma realidade vivenciada de perto, inclusive por crianças, para tornar-se estranha e distante. Possivelmente, a maior evidência dessa constatação foi a transferência dos moribundos e dos mortos das casas e igrejas para as instituições hospitalares e funerárias (ESCUDEIRO, 2020; CHAGAS, 2018; KOVÁCS, 2021; KÜBLER-ROSS, 2017; LIMA; BRITO, 2016; NUCCI, 2021).

Assim, a morte deixa de estar presente no dia a dia para se tornar oculta, apavorante e silenciada. É preciso falar o menos possível sobre ela e, quando mencionada, comumente é de forma indireta, a partir de figura de linguagem, buscando palavras mais agradáveis e atenuantes como expirou, faleceu, descansou ou “virou estrelinha”. Ao longo do processo histórico, a terminalidade deixa de ser um fenômeno familiar para se tornar um acontecimento estranho, misterioso e que parece ocorrer somente com outros (ARIÈS, 2012; KOVÁCS, 2011; KUBLER-ROSS, 2017; MARANHÃO, 1998).

Hoje, o maior desafio da humanidade é o de admitir a finitude como parte da condição humana, porém, ao invés de reconhecer essa realidade, o ser humano busca transformar a natureza biológica por meio de diversos recursos da biotecnologia. Exemplos disso estão nas inúmeras pesquisas avançadas sobre mapeamento genético humano e computação de dados genéticos, que buscam entender melhor a origem de determinadas doenças degenerativas, síndromes e imperfeições, e buscam cada vez mais a fabricação de seres humanos perfeitos. Apesar disso, e de todo o esforço empreendido na modificação da condição humana, o processo de morrer continua fazendo parte da vida e, ao mesmo tempo, de modo paradoxal, representa o

fim da existência dos seres vivos, tudo o que existe – esteja vivo ou não –, cedo ou tarde deixará de existir (CHAGAS, 2018; NUCCI, 2021; LUPER, 2010; MARANHÃO, 1998).

É certo que a terminalidade rompe com os planos e projetos idealizados pelos seres humanos. Diante dela, os sujeitos se confrontam com a mais dura realidade: a impossibilidade da existência de um porvir. Nota-se que a morte priva os indivíduos das experiências boas e ruins, por esse motivo há aqueles que identificam nela uma possibilidade de escape do sofrimento. Esses sujeitos não desejam a morte, mas o fim do sofrimento considerado intenso e insuportável. Em geral, estar frente a frente com a morte amedronta, pois, ao mesmo tempo em que os sujeitos, por meio do trabalho, criam o mundo, acumulam conhecimentos e desenvolvem habilidades e recursos tecnológicos capazes de prolongar a vida, são incapazes de vencer a morte; resta, no entanto, a ilusão da imortalidade e a certeza das limitações humanas (CHAGAS, 2018; KOVÁCS, 2011; LUPER, 2010; NUCCI, 2021).

Desse modo, por mais que se busque vencer a morte, este triunfo permanece incerto e distante. Aos animais humanos, a existência reserva uma única certeza: a finitude. A morte representa verdade absoluta, universal e onipresente, porém, invisível e sorrateira. Até o presente momento não é possível prever com exatidão sua chegada, ninguém sabe ao certo, nem previamente quando, como e por quais motivos se morrerá, mas em algum momento, aquele que está vivo experimentará a morte de si ou a dor da perda de alguém amado, pois a cada segundo o ser humano caminha em direção ao fim, como se diz popularmente: para morrer basta estar vivo. No entanto, “esta certeza, ao invés de funcionar como estímulo à reflexão sobre este fenômeno, funciona justamente ao contrário, aumentando cada vez mais o medo, a ansiedade e o terror” (CHAGAS, 2018, p. 27).

Nessa perspectiva, diversos autores reconhecem e destacam que a reflexão sobre a morte ou a vivência do processo de morrer provoca angústias, dúvidas, expectativas, crenças e questionamentos. Contudo, colocar em debate o tema da terminalidade humana é imprescindível para que seja possível pensar sobre a configuração do viver, sobre o sentido da vida e sua urgência. Ao se darem conta de sua temporalidade, os sujeitos têm a possibilidade de rever prioridades, escolhas e valores. A consciência da morte possibilita que a existência seja (re)pensada e (re)configurada de modo mais significativo e valoroso (CARVALHO, 2011; KÜBLER-ROSS, 2017; MARANHÃO, 1998; RODRIGUES, 2006).

Portanto, pensar sobre a morte é refletir sobre a vida!

Caros leitores, o convite está feito!

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 Concepções sobre morte: a negação nem sempre esteve presente

Diante da morte não há palavras que sejam suficientes para descrevê-la ou representá-la em sua totalidade – nenhum conceito gramatical abrange sua complexa rede de significados. O vocábulo “morte” não é capaz de expressar o conjunto de sentidos que a finitude humana adquire para os sujeitos em uma dada sociedade, cultura e momento histórico. Nessa direção, a morte pode significar perda, transição, eternidade, céu, tormento, aniquilamento, destruição, passagem ou mesmo fim do sofrimento (CHAGAS, 2018; KOVÁCS, 2021).

Observa-se que há uma infinidade de significados atribuídos à finitude. Em geral, as pessoas, ao tomarem conhecimento da morte de alguém, indagam: foram causas naturais ou acidentais? Dependendo da resposta e da idade do morto as reações emocionais são diferentes. Esse fato revela que a morte e o envelhecimento, embora sejam fenômenos diferentes, articulam-se de algum modo, pois socialmente a velhice é reconhecida como uma fase da vida na qual a morte está mais presente e mais próxima. Por meio desses questionamentos também é possível observar que as reações, conceitos, e significados da morte são modelados por diversos fatores, estes abrangem dimensões sociais, culturais, religiosas, filosóficas, éticas, morais e biológicas (MARANHÃO, 1998; KOVÁCS, 2011).

Na tentativa de compreender a morte e lidar com as inquietações, temores e questionamentos evocados por esta, as sociedades lançaram mão dos mitos, religiões, artes, poesias, lendas e do conhecimento científico. Nas obras literárias é possível visualizar histórias que remetem ao medo do envelhecimento e da morte, essas histórias demonstram o anseio do ser humano pela juventude e imortalidade até as últimas consequências. Nas obras cinematográficas há heróis imortais, jovens, poderosos, destemidos e invencíveis, tais personagens parecem traduzir o desejo humano pela imortalidade e vigor. Essas constatações trazem alguns questionamentos: como seria a vida sem a morte? Haveria sentido e urgência? (CHAGAS, 2018; KOVÁCS, 2011).

Entretanto, é importante ressaltar que, no ocidente, a relação dos sujeitos com a morte nem sempre foi pautada no estranhamento e na negação. Houve um período histórico – Idade Média – no qual a reflexão sobre a terminalidade era familiar e estava presente no cotidiano. Desde os primeiros anos de vida os sujeitos entravam em contato com a morte do outro e com a possibilidade da morte do si, isto é, eram educados para a morte e para o convívio com esta. Contudo, no momento histórico atual, a possibilidade da vivência do processo de morrer torna-

se angustiante, observa-se o medo crescente da finitude, esta não é reconhecida como um fato natural – parte da condição humana e do fluxo da existência – na qual se vivencia início e fim, chegada e partida, encontros e despedidas (CARVALHO, 2011; KOVÁCS, 2021; NUCCI, 2021).

Destarte, desde os primórdios da humanidade é possível observar diversas maneiras pelas quais as sociedades primitivas compreendiam, representavam e lidavam com o processo de morte e morrer. Na Pré-história, a morte não era temida, os sujeitos percebiam a terminalidade como parte do processo natural, uma passagem para outra vida e continuidade após a morte. Acreditava-se que na passagem para a outra vida os mortos eram dotados de poderes e alguns perseguiram e assombravam os vivos, por esse motivo temiam-se os mortos, mas não a morte. Durante a Idade Antiga, os egípcios realizavam a mumificação, pois consideravam que o espírito daquele que morria voltava para reaver o corpo, este então deveria estar preservado e pronto para ser levado (CARVALHO, 2011; CHAGAS, 2018).

Na Idade Média, as concepções sobre a morte estavam fortemente vinculadas à visão de mundo cristão. Os sujeitos compreendiam a terminalidade como passagem para a eternidade, deste outro lado, a transitoriedade não estabelece domínio e a vida, sem choro e sem dor, tornar-se-ia melhor. A morte, compreendida como destino de toda alma vivente, era esperada no leito em uma cerimônia pública, na qual se reunia toda a comunidade, inclusive crianças. Na ocasião, os moribundos – enquanto protagonistas de sua própria morte –, proferiam recomendações, perdoavam os ofensores, rezavam e se colocavam em silêncio até o momento da morte. Neste período a morte era, ao mesmo tempo, esperada quando anunciava sua chegada, e temida quando ocorria de modo inesperado e retirava dos sujeitos a possibilidade de vivenciar todo o processo ritual (ARIÈS, 2012).

Na Idade Moderna, as concepções sobre a morte começam a sofrer alterações significativas com o avanço do conhecimento científico, da fisiologia e anatomia. A morte é romantizada e passa a ser atravessada por sentimentos e emoções que até então não estavam presentes de modo acentuado, surge uma intensa dose de dramaticidade e lamento pelos mortos. Aos poucos os sujeitos vão deixando de cuidar da própria morte e passam a se interessar pela morte do outro, haja vista que esta reflete a morte de si e sinaliza de modo contundente a impossibilidade de fuga da própria terminalidade. Os mortos deixam de ser enterrados nas igrejas de forma anônima e passam a ser sepultados em túmulos individuais, em cemitérios localizados nos arredores das cidades. Este período começa a evidenciar a individualização do processo de morte e morrer e a separação entre a vida e a morte, em outras palavras, entre os mortos e os vivos (ARIÈS, 2012;).

É possível observar que, ao longo do processo histórico, a maneira como a sociedade ocidental compreendia a terminalidade foi transformada lentamente, somente a partir do século XX as mudanças passaram a ser mais rápidas e intensas. Neste período, a morte é transformada em tabu e afastada do convívio social, e, enquanto objeto de interdição, torna-se ausente das reflexões diárias a tal ponto que parece não existir mais. A sociedade industrial – regida pelas leis da produção material – promove o ocultamento dos moribundos e dos mortos, estes não produzem, não consomem e tampouco contribuem para a acumulação capitalista, logo, precisam ser retirados do convívio, do alcance dos olhos e das discussões cotidianas (ARIÈS, 2012; MARANHÃO, 1998).

Desse modo, o processo de morte e morrer deixa de ser um evento público e aberto para se tornar uma experiência solitária e asséptica. Os moribundos e os mortos são entregues aos cuidados das instituições hospitalares e funerárias. Frequentemente, os sujeitos morrem longe das famílias, rodeados por recursos tecnológicos e profissionais da área da saúde. A morte e o luto tornam-se uma experiência privada, não é de bom tom que a dor da perda seja vivida publicamente, ninguém deve ser incomodado com algo tão desagradável e, ao mesmo tempo, difícil de ser elaborado, integrado e compreendido. Em resumo, “a morte se transforma em agente de contágio, torna-se medicalizada” (KOVÁCS, 2021, p. 29).

Por meio do suporte avançado de vida e das terapias substitutivas, os moribundos são mantidos vivos, contudo, tornam-se passivos, não decidem e não organizam sua própria morte. Na segunda metade do século XX, surgem diversos questionamentos que trazem à tona a temática da reumanização da morte e os aspectos bioéticos envolvidos nesse processo (KUBLER-ROSS, 2017). Essas reflexões se intensificam no século XXI por meio das diversas discussões sobre os cuidados paliativos. Nesta perspectiva, o prolongamento da vida a qualquer preço se torna questionável, busca-se a morte com dignidade respeitando o desejo do paciente e de sua família. Esta proposta é pautada no cuidado e na redução do sofrimento sem prolongar a vida (distanásia) ou adiantar a morte (eutanásia), busca-se o tempo adequado do morrer (ortotanásia) sem prolongar desnecessariamente o processo (CARVALHO, 2011; KOVÁCS, 2021; LIMA; BRITO, 2016).

A partir desse breve resgate cronológico é possível notar que as concepções sobre a morte sofreram profundas alterações no decorrer do processo histórico ocidental. Estas transformações influenciam diretamente o modo como os sujeitos lidam com as questões relacionadas à finitude humana. Atualmente, as reflexões sobre a morte continuam restritas e apavorantes, em contrapartida, o desejo e a ilusão da imortalidade se expandem. Nesse jogo de

forças, a sociedade perde a oportunidade de refletir sobre a vida por meio da educação para a morte.

3.2 Educar para a morte: para que seja possível viver

Educar para a morte significa possibilitar a existência de espaços e condições para que os sujeitos possam refletir sobre a finitude humana, como também acerca da vida, suas fragilidades, ilusões e potencialidades. “Educação para a morte é um estudo sobre a possibilidade do desenvolvimento pessoal de uma maneira mais integral” (KOVÁCS, 2005, p. 486). Entretanto, para que essa reflexão seja possível, é necessário enfraquecer e/ou vencer uma das maiores inimigas da sociedade ocidental desde o início do século XX: a negação da morte. É possível que a ilusão da imortalidade tenha se originado quando o fenômeno da morte se transformou em tabu, logo, este tema deve ser negado e ocultado até as últimas consequências e das mais variadas formas (NUCCI, 2021).

Esta realidade angustiante – a finitude – produz defesas psicológicas que se manifestam na ilusão da imortalidade e na tentativa constante de vencer a morte e subverter os princípios e leis naturais. Assim, na impossibilidade de modificar a realidade biofisiológica, a sociedade ocidental busca transformar a morte em tabu, assunto proibido. Contudo, as análises históricas evidenciam que a finitude nem sempre foi negada, houve um período no qual ela fazia parte do fluxo da existência e estava presente nas reflexões e no cotidiano de todos os sujeitos. Desde a mais tenra idade se educava para a morte e assim para a vida (KOVÁCS, 2021).

No entanto, desde o século passado, a negação da morte tem produzido comportamentos de fuga e esquiva que afastam os sujeitos do contato com esta realidade e, ao mesmo tempo, impedem que aspectos importantes da vida sejam colocados em perspectiva por meio de uma análise profunda, sincera e real da existência. Atualmente, a sociedade tem buscado, por meio dos recursos científicos e tecnológicos o prolongamento da vida, essa constatação não é necessariamente um problema, tais recursos podem e devem ser utilizados para que se prolongue a vida com conforto. Todavia, o que parece motivar os sujeitos não é a busca pela longevidade e qualidade de vida, mas o anseio pela juventude e vida eterna (KOVÁCS, 2005).

Assim, educar para a morte em uma sociedade que busca a imortalidade é um desafio colocado não só para as instituições educacionais, mas também para familiares. Trazer à tona o tema da terminalidade tornar-se um desafio presente, constante e urgente no século XXI – é preciso que os sujeitos retornem ao contato com a morte e desenvolvam novamente familiaridade com esta. Contudo, é esperado e compreensível que a educação para a morte

provoque inquietações, reações fisiológicas, sentimentos e pensamentos difíceis, pois na medida em que se torna consciente, a realidade da finitude coloca em xeque a ilusão da imortalidade (NUCCI, 2021).

De acordo com Chagas (2018), embora o ser humano fuja da morte e de qualquer estímulo que possa sinalizar sua presença, é possível notar algumas iniciativas de aproximação e compreensão do fenômeno, sobretudo em grupos de estudos e pesquisas nas diversas universidades do país. Gradativamente, os sujeitos – em grande parte pesquisadores – identificam a iminente necessidade de resgatar a familiaridade com a morte para que seja possível lidar melhor com essa realidade, seja no âmbito pessoal ou profissional. Observa-se que tais tentativas de aproximações ainda são incipientes e não institucionalizadas, isto é, não fazem parte dos Projetos Políticos Pedagógicos das organizações educacionais.

Nessa direção, Lima e Brito (2016) enfatizam que a angústia frente à transitoriedade e o desejo pela imortalidade trazem implicações nos mais variados âmbitos da vida e repercutem na formação escolar, acadêmica e na preparação para a prática profissional. Assim, a pesquisa empírica realizada por esses autores apontou que os cursos nas diversas áreas da saúde têm formado profissionais aptos para intervirem no processo de adoecimento e no prolongamento da vida, porém, estes frequentemente se veem perdidos e não sabem como agir diante de pacientes que atravessam o processo de morte e morrer. Na pior das hipóteses, alguns desses profissionais nem mesmo consideram a discussão sobre a morte um tema importante.

Para Kovács (2021) grande parte dos trabalhadores da área da saúde não se sentem preparados para lidarem com a terminalidade, pois são ensinados a combaterem a morte, e quando estão frente a frente com esta, veem-se perdidos e vivenciam o desconforto da impotência. Considerando essa realidade, torna-se evidente que a estrutura educacional brasileira ainda não incluiu a morte no rol de suas prioridades, portanto, os sujeitos passam parte da vida nos bancos escolares se qualificando para a participação na vida social e integração nas diversas instituições, mas não são preparados para lidar com a morte.

Assim, quando a morte de um paciente é confirmada, os profissionais se confrontam não só com a impossibilidade de vencê-la, mas com a incapacidade de sustentar a ilusão da vida eterna. Nesse sentido, é necessário que as universidades formem profissionais aptos a lidarem com questões relacionadas à finitude, e que compreendam, sob o ponto de vista da bioética, o momento adequado para deixar o paciente seguir com seu processo de morte. É certo que a educação para a morte e a compreensão da finitude como parte do ciclo vital não faz desaparecer o medo, o sofrimento e a dor advinda da possibilidade da morte de si e do outro, mas

instrumentaliza os sujeitos para estarem diante dessa realidade prestando assistência ao paciente e acolhendo-o em sua jornada (NUCCI, 2021).

Destarte, a educação para a morte possibilita reflexão, acolhimento, escuta empática e a humanização do processo de morte e morrer. No entanto, o ensino sobre a terminalidade deve se iniciar na educação infantil, isto é, nos primeiros anos de vida. É preciso, desde as primeiras etapas do desenvolvimento, que os sujeitos tenham contato com a realidade da morte e participem dos rituais de despedida, pois ocultar a morte e negar a transitoriedade da vida não faz com que esta desapareça ou deixe de causar temor. “É preciso desmistificar a morte, para que possamos entender melhor a nossa vida. Pois já não resta nenhuma dúvida de que é entendendo melhor a morte que podemos amar mais a vida e assim, viver melhor” (CHAGAS, 2018, p. 46).

Em vista disso, compreende-se que educar para a morte é um processo que ocorre durante toda a vida e contribui de maneira efetiva não só na preparação dos sujeitos para lidarem com a morte do outro, mas com a possibilidade do próprio aniquilamento. Nessa direção, a educação para a morte torna possível a vida, pois, na medida em que o ser humano reflete sobre a transitoriedade, é convidado a se responsabilizar diante da existência. A morte não anula a possibilidade de uma vida significativa, mas convida o sujeito a recordar-se da transitoriedade, e assim compreender que o tempo não retrocede, não é possível voltar ao passado e mudá-lo, mas está ao alcance do ser humano a possibilidade de mudar o presente (KOVÁCS, 2021).

Por fim, compreende-se que a educação para a morte é necessária – seja no âmbito universitário acadêmico, seja no espaço da infância –, pois ela instrumentaliza os sujeitos e, ao mesmo tempo, possibilita a reflexão sobre a vida. É por meio da reflexão sobre a existência que o ser humano tem a possibilidade de (re)configurar a vida de modo significativo. Portanto, é possível afirmar: educar para a morte para que seja possível viver!

Frente ao exposto, a hipótese do presente trabalho foi a de que concepções sobre a morte e o morrer para residentes em formação esteja, de alguma maneira, atrelada a sentimentos de medo, impotência e despreparo. Nessa direção, objetivou-se conhecer e analisar as concepções sobre a morte e o morrer para profissionais de saúde em processo de formação em Programas de Residências publicados em periódicos científicos nacionais.

4 MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório que objetivou, por meio da revisão integrativa de literatura, conhecer e analisar as concepções sobre a morte e o morrer

para profissionais de saúde em processo de formação em Programas de Residências uniprofissionais e multiprofissionais.

Os estudos que utilizam os métodos qualitativos buscam compreender, interpretar e explicar os motivos pelos quais determinados fenômenos acontecem. A ênfase está nos aspectos subjetivos e não quantificáveis da realidade – exigindo do pesquisador o desenvolvimento da capacidade reflexiva e interpretativa (CHIZZOTTI, 2006; MINAYO, 1999; TRIVIÑOS, 1987). Assim, a análise de natureza qualitativa e de cunho exploratório da literatura científica sobre o tema deste trabalho possibilitou a apreensão das concepções de residentes sobre a morte e o morrer. A pesquisa exploratória proporcionou maior proximidade e familiaridade com a população e fenômeno investigado, haja vista que esta temática ainda é pouco explorada na literatura científica (GIL, 2002).

Visando responder ao objetivo deste estudo, optou-se pela revisão integrativa de literatura, já que tal abordagem metodológica possibilita o levantamento e síntese do conhecimento científico já produzido sobre a temática abordada, além de permitir a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais. Assim, a pesquisa bibliográfica – fonte secundária –, proporciona maior compreensão da realidade, do objeto de estudo e a construção sólida do embasamento teórico. Contudo, a revisão integrativa de literatura exige a execução de seis etapas: a) elaboração da pergunta norteadora; b) busca ou amostragem na literatura; c) coleta de dados; d) análise crítica dos estudos incluídos; e) discussão dos resultados e; f) apresentação da revisão integrativa (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Nessa direção, considerando que a primeira etapa é a mais importante em uma revisão integrativa, pois através dela os estudos encontrados são incluídos ou não, definiu-se como pergunta norteadora a seguinte: Quais as concepções sobre a morte e o morrer para profissionais de saúde em processo de formação em Programas de Residências?

A segunda etapa, a busca por artigos científicos, ocorreu na segunda quinzena do mês de outubro de 2022. As bases de dados utilizadas foram: Portal de Periódicos da CAPES e Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC-BVS). Para identificar os descritores pertencentes ao vocabulário controlado utilizado nas ciências da saúde, foi realizada a consulta dos termos oficiais através do Portal Regional da BVS - DeCS/MeSH. Assim, as pesquisas nas bases de dados selecionadas se deram pela combinação, em língua portuguesa, dos seguintes descritores: morte, residência, internato, percepção, educação e atitude frente à morte – presentes no título, resumo, assunto ou palavras-chaves.

Durante as pesquisas, por meio dos recursos informacionais, respeitou-se as especificidades de cada base eletrônica e para que a revisão se tornasse ampla e diversificada

os descritores foram combinados por meio dos operadores booleanos “AND” e “OR”. Na primeira triagem optou-se apenas por trabalhos publicados com intervalo de publicação dos últimos dez anos, pois a temática da morte e do morrer é atravessada por questões históricas/temporais e, na última década, vem sendo cada vez mais incluída nos debates e currículos das universidades.

Na segunda triagem foi realizada a leitura dos títulos e resumos dos trabalhos encontrados. Durante a análise das obras aplicou-se como critérios de inclusão: a) artigo completo; b) publicado em língua portuguesa e indexados nas bases de dados e; c) que tenha as concepções sobre a morte e o morrer para profissionais de saúde em processo de formação em programas de residências como tema central do estudo. Como critérios de exclusão foram considerados: a) artigo duplicado/repetido; b) teses, dissertações e revisão de literatura. É importante ressaltar que a escolha do filtro linguístico – artigos publicados em língua portuguesa –, se deu, pois, as concepções sobre a terminalidade são atravessadas por questões culturais/linguísticas. Assim, o presente trabalho buscou retratar a realidade vivenciada por profissionais de saúde em processo de formação em Programas de Residências do Brasil.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados um total de oito artigos para leitura na íntegra. Nesta etapa, foi realizada análise mais aprofundada dos trabalhos objetivando selecionar aqueles que respondessem à pergunta norteadora e se enquadrassem aos objetivos e critérios de inclusão elencados. Após a realização dessa etapa, sete artigos foram incluídos na presente revisão integrativa. Para visualizar e extrair os dados das referências foi utilizado um formulário (APÊNICE) composto pelos seguintes itens: título do artigo, autor e ano de publicação, abordagem/método da pesquisa, tipo de pesquisa, objetivos e resultados. A utilização deste instrumento facilitou a organização dos dados, a análise crítica dos estudos incluídos e a discussão dos resultados.

Destarte, os resultados apresentados nos artigos foram analisados e organizados em categorias por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin. Através deste tipo de análise é possível extrair de um texto os significados latentes, isto é, aqueles que não estão acessíveis por meio de uma leitura rápida e/ou superficial, mas são captados através de uma análise atenta e exaustiva. Por intermédio dessa técnica sistemática de interpretação de dados é possível decompor os conteúdos em unidades mais simples e alocá-los em categorias. Nessa direção, realiza-se uma apresentação simplificada dos dados brutos, estes são isolados, classificados e agrupados em categorias semelhantes. A categorização possibilita a organização das informações e viabiliza análises mais assertivas, organizam os dados e possibilitam as análises em pesquisas qualitativas e quantitativas (BARDIN, 1977).

5 RESULTADOS

As buscas por artigos nas bases de dados informacionais ocorreram em três etapas. Na primeira, realizada no dia 16/10/2022 utilizou-se como estratégia de busca a combinação dos seguintes descritores: morte OR tanatologia AND residência OR internato. Nesta etapa foram identificadas um total de 293 referências. Destas, 283 foram encontradas no Portal de Periódicos da CAPES e 10 no Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Após aplicação do filtro “recorte temporal” 170 trabalhos foram incluídos para leitura dos títulos e resumos. Durante a triagem aplicou-se os critérios de inclusão e exclusão e assim quatro artigos foram selecionados para leitura na íntegra conforme apresentado na Tabela 1.

É importante ressaltar que, durante as buscas, nenhuma dissertação, tese ou revisão bibliográfica sobre a temática foram encontradas, como também não houve a ocorrência de artigos duplicados/repetidos.

Tabela 1 – Referências encontradas, filtradas, excluídas e incluídas na primeira etapa.

Procedência	Portal de Periódicos da CAPES	Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC-BVS)
Data de busca	16/10/2022	16/10/2022
Estratégia de busca	morte OR tanatologia AND residência OR internato	morte OR tanatologia AND residência OR internato
Número de referências localizadas	283	10
Número de referências filtrada por recorte temporal “últimos dez anos”	161	9
Número de referências excluídas por critérios após recorte temporal	158	8
Número de referências incluídas por critérios	3	1

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

A segunda etapa de buscas foi realizada no dia 17/10/2022. Utilizou-se como estratégia a combinação dos seguintes descritores: percepção AND morte AND educação. Sendo identificadas 148 referências, destas 113 foram publicadas nos últimos dez anos, portanto foram incluídas para leitura dos títulos e resumos. Após aplicação dos critérios de seleção, dois artigos foram selecionados para leitura na íntegra conforme apresentado na Tabela 2. Nesta etapa não foram encontradas teses, dissertações ou revisões de literatura sobre o presente tema, no entanto, um artigo duplicado/repetido foi localizado.

Tabela 2 – Referências encontradas, filtradas, excluídas e incluídas na segunda etapa.

Procedência	Portal de Periódicos da CAPES	Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC-BVS)
Data de busca	17/10/2022	17/10/2022
Estratégia de busca	percepção AND morte AND educação	percepção AND morte AND educação
Número de referências localizadas	145	3
Número de referências filtrada por recorte temporal “últimos dez anos”	110	3
Número de referências excluídas por critérios após recorte temporal	108	3
Número de referências incluídas por critérios	2	0

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

A terceira etapa de levantamento nas bases de dados ocorreu no dia 18/10/2022, para tal foram utilizadas como estratégia de buscas a combinação dos seguintes descritores: atitude frente à morte AND educação. A busca resultou em 26 referências e após aplicação do filtro “recorte temporal” foram selecionados 21 trabalhos para leitura dos títulos e resumos, destes apenas dois foram incluídos para leitura na íntegra conforme detalhado na Tabela 3. Nesta etapa um artigo duplicado/repetido foi localizado e não houve teses, dissertações ou revisões de literatura sobre o tema aqui pesquisado.

Tabela 3 – Referências encontradas, filtradas, excluídas e incluídas na terceira etapa.

Procedência	Portal de Periódicos da CAPES	Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC-BVS)
Data de busca	18/10/2022	18/10/2022
Estratégia de busca	atitude frente à morte AND educação	atitude frente à morte AND educação
Número de referências localizadas	25	1
Número de referências filtrada por recorte temporal “últimos dez anos”	21	0
Número de referências excluídas por critérios após recorte temporal	19	0
Número de referências incluídas por critérios	2	0

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Posteriormente a realização das três etapas de buscas – levantamento nas bases de dados – e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, sete artigos foram selecionados e incluídos nesta revisão, haja vista que estes se enquadram aos critérios e respondem à pergunta norteadora (Tabela 4).

É importante ressaltar que durante as análises das referências, além dos artigos incluídos neste estudo, foram identificados 11 trabalhos que abordavam a temática da morte/finitude humana, no entanto todos tinham como participantes da investigação acadêmicos dos cursos de enfermagem e/ou medicina. Também foram localizados artigos sobre cuidados paliativos (9) e morte encefálica (1), porém todos foram realizados com estudantes de graduação das áreas citadas anteriormente.

Tabela 4 – Estudos selecionados para análise de dados.

Data da busca	Base de dados	Descritores	Título do artigo	Data de publicação
16/10/22	Portal de Periódicos CAPES	morte OR tanatologia AND residência OR internato	A atuação do profissional de saúde residente em contato com a morte e o morrer	2017
16/10/22	Portal de Periódicos CAPES	morte OR tanatologia AND residência OR internato	Compreensão da morte e do morrer: um estudo com residentes	2022
16/10/22	PEPSIC	morte OR tanatologia AND residência OR internato	A perspectiva de residentes sobre a morte e seu reflexo na relação com os pacientes	2016
17/10/22	Portal de Periódicos CAPES	(percepção) (morte) (educação) AND AND	A percepção de residentes multiprofissionais da área da saúde sobre o processo de morte	2018
17/10/22	Portal de Periódicos CAPES	(percepção) (morte) (educação) AND AND	Educação para o processo do morrer e da morte pelos estudantes de medicina e médicos residentes	2019
18/10/22	Portal de Periódicos CAPES	(atitude frente à morte) AND (educação)	Percepções da morte e do morrer para residentes de medicina em um hospital terciário	2017

18/10/22	Portal de Periódicos CAPES	(atitude frente à morte) AND (educação)	Morrer e morte na perspectiva de residentes multiprofissionais em hospital universitário	na 2017
----------	----------------------------	---	--	---------

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

No universo de 304 referências publicadas e analisadas nos últimos dez anos apenas sete objetivavam compreender a perspectivas de residentes sobre o processo de morte e morrer. Em relação a metodologia abordada nos artigos quatro são de abordagem qualitativa e três de abordagem quantitativa e quanto à origem dos estudos três são provenientes da região sul do Brasil, três da região nordeste e um da sudeste. Somando todos os participantes dos estudos é possível verificar que 312 residentes de diversos Programas de Residências do país fizeram parte de estudos que objetivavam conhecer as percepções destes profissionais em relação à morte e o morrer (Tabela 5).

Tabela 5 – Aspectos metodológicos dos artigos selecionados.

Título do artigo	Autores e ano	Abordagem	Coleta de dados	Análise de dados	Origem	Participante	Profissão
A atuação do profissional de saúde residente em contato com a morte e o morrer	Lima e Andrade (2017)	Qualitativa	Entrevista Semiestruturada	Hermenêutica-Fenomenológica	Região Nordeste	14	Enfermagem; Psicologia, Serviço Social; Terapia Ocupacional; Nutrição; Medicina; Odontologia; Fisioterapia; Farmácia.
Compreensão da morte e do morrer: um estudo com residentes	Nascimento, et al. (2022)	Qualitativa	Entrevista Semiestruturada	Análise de Conteúdo	Região Nordeste	18	Psicologia; Enfermagem; Farmácia; Fisioterapia; Nutrição; Medicina
A perspectiva de residentes sobre a morte e seu reflexo na relação com os pacientes	Barbosa e Carvalho (2016)	Qualitativa	Entrevista semiestruturada; Observação Participante	Método Psicanalítico	Região Nordeste	8	Psicologia; Fonoaudiologia; Serviço Social; Nutrição; Fisioterapia; Terapia Ocupacional; Enfermagem; Medicina.
A percepção de residentes multiprofissionais da área da saúde sobre o processo de morte	Perez, Santos e Dóro (2018)	Quantitativa	Questionário; Escala	Estatística Descritiva	Região Sul	129	Enfermagem; Farmácia Clínica; Farmácia Bioquímica; Fisioterapia, Nutrição; Odontologia; Psicologia; Serviço Social; Terapia Ocupacional
Educação para o processo do morrer e da morte pelos estudantes de medicina e médicos residentes	Santos e Pintarelli (2019)	Quantitativa	Questionário	Teste Exato de Fisher	Região Sul	93	Medicina
Percepções da morte e do morrer para residentes de medicina em um hospital terciário	Costa e Rocha (2017)	Quantitativa	Questionário	Estatística Descritiva	Região Sudeste	40	Medicina
Morrer e morte na perspectiva de residentes multiprofissionais em hospital universitário	Costa, Garcia e Goldim (2017)	Qualitativa	Entrevista Semiestruturada	Análise de Conteúdo	Região Sul	10	Educação Física; Enfermagem; Farmácia; Fisioterapia, Nutrição; Serviço Social.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Após leitura exaustiva e atenta dos artigos, conforme propõe a Análise de Conteúdo, buscou-se captar os conteúdos latentes e significados presentes nos textos. Assim, foi possível apreender os sentidos e agrupar/reagrupar as informações em categorias, isto é, realizou-se a categorização dos elementos comuns/análogos que foram anteriormente isolados (BARDIN, 1977). Destarte, no próximo tópico, três categorias serão colocadas em perspectiva, são elas: concepções sobre a morte e o morrer; sentimentos manifestos no contato com a morte e o morrer; e educação para a morte.

6 DISCUSSÃO

No presente tópico as categorias descritas acima serão colocadas em perspectiva analítica. Contudo, é importante a realização de algumas considerações sobre os setes textos selecionados/incluídos e os resultados apresentados em cada um dos trabalhos. De modo geral, os trabalhos evidenciam que o cuidado permanece sendo uma tarefa atribuída ao gênero feminino, haja vista que em todos os estudos a porcentagem de mulheres é maior em comparação aos homens. Portanto, é possível inferir que a função de cuidado no século XXI continua sendo atribuída as mulheres, assim, o cuidar é naturalizado como um trabalho essencialmente feminino. Não convém aqui aprofundamentos e discussões sobre relações de gênero e divisão sexual do trabalho, pois este não é o objetivo do presente estudo, cabe apenas apontamentos e reflexões críticas.

É possível verificar que grande parte dos participantes dos estudos aqui analisados são jovens e possuem alguma afiliação religiosa, a maioria provenientes do cristianismo. Esses dados são importantes, pois possibilitam verificar que as concepções sobre a morte e o morrer aqui discutidas perpassam por um recorte temporal e são permeadas por questões culturais/religiosas. Tais resultados estão alinhados com a literatura ao enfatizarem que as questões sobre a finitude humana são influenciadas diretamente por questões sociais, culturais, históricas e religiosas (KOVÁCS, 2021).

Destarte, realizado tais apontamentos iniciais, cabe a apresentação e discussões das categorias.

6.1 Concepções sobre a morte e o morrer

Na presente categoria evidenciou-se a pluralidade de concepções sobre a morte e o morrer, por vezes contraditórias e ambíguas, mas compreensível dada a natureza do objeto de

investigação. Nessa direção, observa-se que a morte é compreendida pelos residentes como parte integral da vida, passagem, descanso, condição humana, processo, fim de um ciclo, desafio, término, incerteza, destino inevitável do ser humano e fim do sofrimento. Tais concepções estão em consonâncias com os resultados apresentados na literatura científica que abordam temas como morte, morrer, finitude e tanatologia (ARIÉS, 2012; CHAGAS, 2018; KOVÁCS, 2005; KÜBLER-ROSS, 2017; MARANHÃO, 1998; NUCCI, 2021; RODRIGUES, 2006).

No estudo realizado por Lima e Andrade (2017), a “categoria cuidado” se tornou evidente e se destacou em relação as demais categorias elencadas. As autoras apresentam os paradigmas em saúde e enfatizam que quando o foco da assistência ao paciente está alicerçado no cuidado e não somente na cura, a morte pode então ser concebida como parte da condição humana. Portanto, embora as concepções sobre a morte e o morrer não estejam apresentadas em uma categoria específica é possível verificar que a terminalidade é compreendida pelos residentes como parte da condição humana. Contudo, deve ocorrer na vida adulta haja vista que a morte de crianças é intensificadora do sofrimento e causa ruptura no ciclo da vida. Em contrapartida, a morte de adultos e idosos parece ser mais fácil de ser compreendida, aceita e integrada. Assim, pode-se inferir que a morte é concebida como parte integrada da condição humana – processo natural –, desde que não ocorra na infância.

No estudo realizado por Nascimento et al. (2022), a morte adquire alguns significados para os residentes, isto é, a finitude humana é percebida como fim do ciclo vital, passagem, fim da vida, vida eterna, terminalidade e passagem para outro plano. As autoras destacam que a diversidade de percepções sobre a realidade da morte está diretamente influenciada por tradições culturais. Nessa direção, Barbosa e Carvalho (2016), ao buscarem compreender a perspectiva de residentes sobre a morte notaram que as concepções sobre este fenômeno estão atreladas as noções espirituais e a crença na vida eterna. A morte é então compreendida como processo natural, passagem que envolve questões biológicas, sociais e aspectos transcendentais. Para alguns profissionais a finitude é tida como um momento delicado e de difícil manejo.

Perez, Santos e Dóro (2018), buscando conhecer a percepção de residentes sobre o processo de morte, verificaram que a maior parte dos participantes da pesquisa compreendiam a morte como parte da vida, um processo natural. O estudo também evidenciou que a terminalidade significava vida eterna e fuga do sofrimento. Para as autoras a grande porcentagem de residentes que verbalizaram aceitação da morte revela a existência do mecanismo de defesa da racionalização, pois o discurso apresentado de modo racional e consciente não estava em consonância com a atitude emocional dos participantes.

Através do estudo realizado por Santos e Pintarelli (2019), é possível verificar que a percepção dos residentes em relação à morte e o morrer é fortemente influenciada por questões religiosas, isto é, a morte torna-se a possibilidade de passagem para outra vida. Essa constatação também foi realizada por Costa e Rocha (2017), as autoras verificaram que os profissionais percebem a morte como passagem e processo. Também há aqueles sujeitos que concebem a finitude humana como um mistério ou algo desconhecido e, por isso, além das capacidades humana de compreensão.

Buscando descrever a percepção dos residentes sobre o processo de morte e morrer Costa, Garcia e Goldim (2017), ressaltam a visão biomédica presente nas concepções, assim, os participantes da pesquisa verbalizaram que a morte representa o fim do corpo físico e a sua decomposição. Também há aqueles que concebem a terminalidade como descanso, perda, fim do sofrimento e de um ciclo.

Desse modo, a presente categoria evidencia a pluralidade de concepções sobre a morte e o morrer para profissionais residentes, tais resultados corroboram pelos achados na literatura. Assim, por meio dos artigos incluídos no presente estudo é possível verificar que as percepções em relação à terminalidade estão fortemente influenciadas por aspectos culturais, sociais, religiosos e até mesmo pela visão biomédica. As pesquisas evidenciaram que os residentes, em sua maioria, compreendem a morte como parte integrada da condição humana. Tal constatação permite inferir que os profissionais de saúde em processo de formação não possuem dificuldade na aceitação da morte como realidade biológica e trazem consigo diferentes significados para a realidade da finitude humana (CHAGAS, 2018; KOVÁCS, 2021).

A análise realizada acima pode ser interpretada de dois modos. Por um lado, a aceitação da morte poderia estar ligada a mecanismos defensivos/racionalização do discurso, conforme aponta Perez, Santos e Dóro (2018), haja vista que outros autores também referem a intensa dificuldade da sociedade ocidental em compreender e aceitar a realidade da morte como parte do ciclo vital (CHAGAS, 2018; KÜBLER-ROSS, 2017; MARANHÃO, 1998). De outro modo, o nível elevado de aceitação por parte dos profissionais residentes pode significar que estes compreendem o fazer em saúde por meio da perspectiva do cuidado e não somente da cura, conforme evidenciado por Lima e Andrade (2017).

Observa-se através das pesquisas que a morte é indesejada, pois a finitude representa o aniquilamento do “eu futuro” e de toda perspectiva. Assim, a possibilidade da própria morte ou do paciente geralmente é temida, pois traz incertezas e retira do sujeito a possibilidade de ser e estar no mundo, experimentando alegrias, amores e dissabores. É importante ressaltar que, de algum modo, as pesquisas – entrevistas – evidenciaram que embora as tecnologias em saúde

contribuam de modo positivo com a qualidade e prolongamento da vida, não é – e talvez nunca seja – possível ao ser humano modificar o ciclo vital e assim conquistar juventude, vitalidade e vida terrena eterna (CHAGAS, 2018; KOVÁCS, 2011; LUPER, 2010; NUCCI, 2021).

Através dos artigos incluídos na presente revisão de literatura foi possível constatar a influência da religião no que diz respeito à temática da finitude, considerando que os resultados dos estudos analisados demonstraram que a percepção da morte, bem como o seu significado, integração e assimilação, perpassa a compreensão religiosa a tal ponto que a pesquisa realizada por Santos e Pintarelli (2019) demonstrou que a convivência, o contato dos residentes com pacientes em processo de morte produziu, entre outras coisas, o aumento da religiosidade. Também é interessante evidenciar que o estudo realizado por Barbosa e Carvalho (2016) destacou que a perspectiva dos residentes sobre a finitude é alterada após o ingresso na residência, haja vista tais programas, frequentemente, possibilitam o contato direto com o processo de morte e morrer.

Por fim, uma análise franca sobre as concepções, percepções e significados da morte e do morrer fomentam a reflexão e reforçam a certeza da finitude e fragilidade humana. Diante dessa realidade parece restar ao ser humano/residente não só a ilusão da imortalidade e o conforto da crença na vida eterna, mas a possibilidade de tomada de atitude frente à vida, a reconfiguração da existência de modo significativo.

6.2 Sentimentos manifestos no contato com a morte e o morrer

Até o presente momento deste estudo é possível afirmar que as concepções sobre a morte para os residentes são diversas e o contato com esta evoca sentimentos e reações variadas. As pesquisas de diferentes autores e concepções teóricas têm mostrado que estar frente a frente com a morte – de si ou do outro – gera sofrimento, medo e escancara a onipotência e as fragilidades humanas. Em geral, os sujeitos se veem perdidos e experimentam profunda angústia, mal-estar, medo e desejam vencer a realidade incontestável da morte. Em cada confronto com a finitude da vida emergem sentimentos, dúvidas e questionamentos, pois, a morte seria o fim ou o início? (ARIÈS, 2012; ESCUDEIRO, 2020; CHAGAS; KOVÁCS, 2011; KUBLER-ROSS, 2017; LIMA; BRITO, 2016; MARANHÃO, 1998; NUCCI, 2021).

Destarte, Perez, Santos e Dóro (2018) verificaram que uma porcentagem expressiva de residentes sente medo diante da morte e buscam evitar o contato com esta. Segundo as autoras, o medo da morte pode estar ligado a dificuldade dos indivíduos em encontrarem um sentido para a vida e morte. Já o evitamento cumpre a função de reduzir a ansiedade, visto que afasta o

sujeito do contato e confronto com a finitude da existência humana. É importante ressaltar que o medo da morte se tornou mais visível entre os pós-graduandos do primeiro ano de residência (R1). Verificou-se que a falta de experiência profissional e o pouco contato com o contexto hospitalar, lugar onde geralmente se morre, tende a elevar o medo da morte entre os R1. Esse fato pode desencadear nos profissionais intenso sofrimento, esfriamento afetivo ou mesmo esgotamento emocional.

Buscando avaliar a educação de estudantes e médicos residentes sobre o processo de morrer e da morte, Santos e Pintarelli (2019) constataram que mais da metade dos residentes apresentam sentimento de impotência e frustração diante da morte de pacientes. Tais profissionais relataram aumento da sensibilidade, tristeza, angústia e esfriamento pessoal após o contato com o processo de morte. Já a pesquisa de Costa e Rocha (2017), também realizada com residentes de medicina, também demonstrou que a maior parte dos profissionais referem profundo sentimento de tristeza diante da morte de um paciente. Tais trabalhadores, geralmente, realizam análise das condutas e variáveis que levaram o paciente à morte. Desse modo, diante da realidade da finitude humana, verbalizam sentimento de impotência e medo. Há também aqueles que sentem alívio, pois a morte representa o fim do sofrimento do paciente.

Nessa direção, Costa, Garcia e Goldim (2017) observaram o uso expressivo de mecanismo defensivo por parte dos residentes multiprofissionais, estes referem sentimento de culpa, impotência, tristeza, raiva, saudade e vergonha. Para os autores, o sentimento de culpa e vergonha pode estar relacionado ao avanço do conhecimento científico que busca manter a vida através das diversas tecnologias em saúde. Assim, a doença e a morte passam a ser compreendidas como fracasso terapêutico, produzindo culpa, vergonha e impotência. Em relação às estratégias fúteis utilizadas para prolongar à vida os residentes referiram incômodo, no entanto, acabam utilizando ou consentindo com tais terapêuticas visando preservar as famílias do sofrimento da perda.

O sofrimento diante da morte e o sentimento de fracasso também apareceram de modo expressivo na pesquisa realizada por Lima e Andrade (2017). As autoras, ao colocarem em perspectiva a atuação do profissional de saúde residente em contato com a finitude, observaram que tais profissionais vivenciam a angústia da impotência quando percebem que nada podem fazer e nenhum recurso terapêutico poderá vencer ou deter o ciclo natural da existência. Verifica-se nas discussões apresentadas no estudo que os sentimentos de impotência e fracasso estão estritamente atrelados a prioridade da atuação em saúde, isto é, se a prática está somente alicerçada na perspectiva curativa e no desejo de manter a vida a qualquer custo.

Desse modo, Barbosa e Carvalho (2016) reafirmam que é necessário reconhecer os limites da ciência e proporcionar conforto e qualidade de vida aos pacientes sem perspectiva de cura. As pesquisadoras verificaram, por meio das falas dos residentes, que estes apresentam sentimentos de medo e impotência diante da morte, além de apresentarem grande dificuldade ao estarem diante de pacientes terminais. Os sentimentos de medo e impotência também foram descritos nos relatos presentes no estudo realizado por Nascimento, et al. (2022). Nesta pesquisa as autoras destacam a diversidade dos sentimentos, pensamentos e reações provocadas pela realidade da finitude humana, tais como raiva, ansiedade, desespero e depressão.

Os resultados apresentados dirigem-se ao encontro da literatura científica, tendo em consideração que diversos estudos revelam que os sujeitos no ocidente transitam da familiaridade com a morte para o estranhamento, por isso, quando estão diante dela não sabem como agir, ficam terrorizados e amedrontados. Talvez tenha sido o medo e a angústia gerada pela morte que afastou os sujeitos do contato com esta, a transformou em inimiga a ser combatida – por meio do avanço tecnológico – e em fracasso individual (ARIÈS, 2012; KOVÁCS, 2011; KUBLER-ROSS, 2017; MARANHÃO, 1998).

Em suma, por meio da presente categoria é possível verificar que os residentes sofrem intensamente diante do contato com pacientes sem perspectiva de cura. Por meio da análise dos sentimentos manifestos no contato com a morte e o morrer é possível constatar que a terminalidade ainda se apresenta como uma realidade difícil de ser aceita e integrada como parte da condição humana, sobretudo quando se trata de pacientes pediátricos, haja vista que a morte na velhice é compreendida com mais facilidade, sendo considerada a forma natural de morte (COSTA, GARCIA, GOLDIM, 2017; LIMA, ANDRADE, 2017; NASCIMENTO, et al., 2022). Diante dessa realidade é imprescindível que os programas de residências possibilitem aos profissionais espaços de discussão e cuidados.

6.3 Educação para a morte

Educar para a morte torna-se um desafio em uma sociedade pautada na busca pela juventude e imortalidade. Nas últimas décadas, algumas aproximações e reflexões sobre a terminalidade humana foram produzidas no âmbito acadêmico, no entanto, tais debates são insuficientes e não institucionalizados, isto é, não fazem parte dos Projetos Políticos Pedagógicos da maior parte das universidades do país. Em outras palavras, a discussão sobre a finitude humana permanece distante do processo formativo dos profissionais da área da saúde. Essa realidade corrobora para que a morte continue causando medo e angústia. Observa-se que

ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a temática da morte e do morrer seja considerada indispensável na sustentação da prática profissional de todos aqueles que lidam direta ou indiretamente com aspectos ligados à vida, à saúde e ao adoecimento (CHAGAS, 2018; KOVÁCS, 2021; MARANHÃO, 1998).

Desse modo, Lima e Andrade (2017) evidenciaram a ausência de preparo do profissional de saúde residente em relação à morte e o morrer. No que se refere à formação durante a graduação a maior parte dos residentes apontaram que não tiveram contato com a temática da finitude, isto é, há ausência de disciplinas que tratam do assunto. Já os profissionais que relataram alguma aproximação com o tema destacaram que esta se deu de modo demasiadamente técnico e insipiente. Em relação a formação na residência, os relatos evidenciaram a existência de disciplinas que abordam a finitude, no entanto, uma parte dos residentes sentem insatisfação com o ensino e carência de preparo, haja vista que há uma lacuna entre o processo formativo e a realidade prática. Em resumo, os residentes manifestaram descontentamento com a formação em serviço e a necessidade de conteúdos e discussões voltadas à temática da terminalidade humana para que a prática esteja mais embasada e qualificada.

Nessa direção, o estudo realizado por Perez, Santos e Dóro (2018) destacou a mistificação em torno da temática da morte e a inexistência desta nas discussões acadêmicas. As autoras apontaram que a escassez de disciplinas acerca da morte durante o processo formativo corrobora com o elevado índice de medo, ansiedade e evitamento apresentado pelos profissionais residentes. A falta de preparo para lidar com a morte também foi evidenciada na pesquisa realizada por Costa, Garcia e Goldim (2017); os residentes verbalizaram que não se sentiam aptos para lidar com o processo de morte e morrer dos pacientes. A lacuna no processo formativo e a falta de preparo adequado traz impactos negativos na saúde mental destes trabalhadores, haja vista que a morte faz parte do cotidiano de trabalho no contexto hospitalar, fato que ocasiona sofrimento adicional.

De acordo com Nascimento et al. (2022), a sociedade pós-moderna lentamente está voltando a entrar em contato com o tema da morte e do morrer, porém a ênfase ainda recai sobre os métodos e técnicas que visam a cura e o prolongamento da vida. O antagonismo entre vida e morte produz o afastamento da temática da finitude, desse modo os residentes entrevistados verbalizaram que durante a graduação e residência pouco ou nada sobre a morte foi abordado e discutido. Os profissionais da área médica também relataram dificuldade em comunicar más notícias e a inexistência de treinamentos para tal atividade, fato que corrobora para a intensificação dos sentimentos de fracasso e impotência.

Para Barbosa e Carvalho (2016), a escassez ou ausência de disciplinas e reflexões sobre a terminalidade durante a graduação ou mesmo pós-graduação – residência – faz com que os profissionais saiam das universidades apenas com a visão de que devem salvar vidas e, por vezes, a qualquer custo. Desse modo, os residentes apontaram no estudo realizado pelas autoras que as reflexões sobre a morte e o morrer estiveram distantes durante a formação na graduação e insatisfatória na residência. Os profissionais destacaram que as atividades práticas e as discussões multiprofissionais realizadas no cotidiano do trabalho possibilitaram que as reflexões e o contato com a temática ocorressem de maneira mais eficaz. A presente pesquisa reforçou a importância da existência de disciplinas que abordem aspectos ligados a terminalidade e a construção de espaços de compartilhamento de saberes visando que os profissionais residentes estejam mais bem preparados para lidarem com a morte e morrer no exercício da profissão.

Em relação aos dois estudos que tinham como participantes apenas residentes médicos, as análises dos resultados obtidos em cada um deles evidenciou certo distanciamento, haja vista a pesquisa realizada por Santos e Pintarelli (2019) demonstrou a falta de orientação pedagógica e o despreparo dos profissionais médicos para lidarem com a morte dos pacientes. Já a investigação produzida por Costa e Rocha (2017) evidenciou que a maior parte dos residentes de medicina apontaram que foram capacitados de modo satisfatório para agirem diante do processo de morte e morrer, bem como se sentem seguros para transmitir a má notícia. As autoras enfatizam que os resultados apresentados divergem da literatura, haja vista que diversos teóricos reafirmam a ausência de disciplinas e o despreparo dos profissionais da área da saúde para cuidarem de pacientes que atravessam o processo de terminalidade.

Ainda em relação aos resultados apresentados por Costa e Rocha (2017), é importante salientar que tais achados além de estarem na contramão da literatura científica também divergem dos demais trabalhos mencionados na presente revisão de literatura. Talvez caiba aqui as considerações realizadas por Perez, Santos e Dóro (2018), que ao analisarem os resultados obtidos na Escala de Avaliação do Perfil de Atitudes Acerca da Morte, identificaram a utilização, por parte dos residentes, de mecanismos defensivos, assim a elevada porcentagem de aceitação da morte verificada no estudo indicaria a presença da racionalização ou intelectualização do discurso, pois este é incoerente com os sentimentos apresentados pelos profissionais diante da terminalidade da vida.

De modo geral, os trabalhos analisados reforçam a necessidade da implementação de disciplinas que abordem de maneira efetiva e robusta a temática da finitude humana. É necessário que o processo formativo dos profissionais da área da saúde esteja embasado no

cuidado, nas boas práticas, na bioética e não somente em manter a vida a qualquer custo. Os autores enfatizam a importância de os Programas de Residências possibilitarem e fomentarem espaços de discussões, compartilhamento e acolhimento dos profissionais que vivenciam diariamente a morte de seus pacientes (BARBOSA, CARVALHO, 2016; COSTA, GARCIA, GOLDIM, 2017; LIMA, ANDRADE, 2017; NASCIMENTO et al., 2022; PEREZ, SANTOS, DÓRO, 2018; SANTOS, PINTARELLI, 2019).

Os resultados apresentados na presente categoria corroboram pelos achados na literatura que apontam que há pouco interesse da sociedade nos temas ligados à morte, haja vista que a finitude ainda é tida como uma inimiga a ser vencida por meio dos avanços da tecnologia. Assim, a temática da morte continua afastada dos Projetos Políticos Pedagógicos das universidades. Na melhor das hipóteses, essas instituições realizam seminários, conferências, palestras ou mesmo disciplinas optativas que abordam o tema –, muitas vezes de maneira superficial ou apenas como um recorte, como quando há palestras que abordam o tema do suicídio e a preocupação com a saúde mental dos estudantes –, mas a inclusão definitiva deste conteúdo na estrutura curricular permanece inexpressiva ou ausente. (CHAGAS, 2018; KOVÁCS, 2021; LIMA, BRITO, 2016; MARANHÃO, 1998).

Em suma, a realidade evidenciada nas discussões reflete no grande contingente de profissionais que referem despreparo para entrar em contato com aspectos ligados a finitude. É necessário, portanto, que a educação para a morte seja de fato uma realidade presente/institucionalizada no âmbito formativo desde o ensino básico.

7 CONCLUSÃO

A presente revisão integrativa de literatura buscou conhecer as concepções sobre a morte e o morrer para residentes em processo de formação. Desse modo, foi possível verificar que terminalidade da vida ocupa um espaço expressivo no imaginário e na realidade de trabalho destes profissionais que lidam com a finitude da existência e com as fragilidades humanas diariamente. Sentimentos de medo, angústia, tristeza e impotência foram relatados com frequência, haja vista que a maior parte dos residentes não foram preparados para cuidarem de pacientes em processo terminal e sem perspectiva de cura. Assim, a educação para a morte durante a formação – graduação e residência – não se mostrou de modo expressivo e efetivo.

Nessa direção, a hipótese levantada no presente trabalho foi confirmada, isto é, verificou-se, por meio da revisão de literatura, que as concepções e significados atribuídos à morte e o morrer pelos residentes estão atrelados aos sentimentos de medo, impotência e

despreparo por parte destes profissionais para lidarem com situações de perda. Essa realidade confirma os pressupostos apresentados na literatura científica que apontam a morte como inimiga da sociedade pós-moderna, haja vista que esta está pautada no ideal de perfeição, beleza, juventude e imortalidade. Portanto, a sociedade continua temendo a morte e a própria condição humana.

Destarte, o presente estudo ao integrar diferentes pesquisas buscou contribuir com o conhecimento científico na área da saúde e com a prática profissional de trabalhadores que, cotidianamente, lidam com o processo de morte e morrer. Acredita-se que a compreensão sobre a temática possa ser expandida, favorecendo apontamentos que conduzam a reflexão acadêmica, social e possibilitem o desenvolvimento de novas pesquisas. Como limitações do presente estudo pode-se apontar duas: a escassez de pesquisas sobre as concepções da morte e do morrer para residentes e; o recorte/filtro linguístico aplicado, haja vista que embora favoreça a compreensão da realidade nacional também impossibilita que se conheça a realidade de outros países e culturas.

Por fim, espera-se que esta revisão integrativa de literatura traga novos questionamentos, fomente movimentos de debate sobre a finitude da vida, sobre o processo de formação dos trabalhadores da área da saúde e estimule novas pesquisas sobre o tema, considerando que há poucos estudos teóricos e empíricos sobre essas concepções e como elas cercam e circundam profissionais em processo de formação em Programas de Residências, sendo esta uma população e um fenômeno pouco explorado.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, P. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BARBOSA, L. H.; CARVALHO, I. S. A perspectiva de residentes sobre a morte e seu reflexo na relação com os pacientes. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 107-128, dez. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582016000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 out. 2022.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CARVALHO, V. A. A vida que há na morte. *In*: FRANCO, M. H. P. et al. (Org.). **Vida e morte: laços da existência**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 33-75.
- CHAGAS, J. **A morte e suas representações**. Jundiaí: Paco, 2018.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COSTA, D. T.; GARCIA, L. F.; GOLDIM, J. R. Morrer e morte na perspectiva de residentes multiprofissionais em hospital universitário. **Revista Bioética** [online]. 2017, v. 25, n. 3 [Acessado 22 Outubro 2022], pp. 544-553. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-80422017253211>>. ISSN 1983-8034. <https://doi.org/10.1590/1983-80422017253211>.
- Costa, I. C.; ROCHA, A. C. O. Percepções Da Morte E Do Morrer Para Residentes De Medicina Em Um Hospital Terciário. *Revista Ciências Em Saúde* 7.4 (2017): 7-14. Web. DOI: <https://doi.org/10.21876/rcsfmit.v7i4.705>
- ESCUDEIRO, A. Sobre o viver e o morrer. *In*: ESCUDEIRO, A. (Org.). **Tanatologia: temas impertinentes**. 2. ed. Fortaleza: LC Gráfica e Editora, 2011. p. 17-27.
- ESCUDEIRO, A. Ausência dos rituais de despedida. *In*: ESCUDEIRO, A. (Org.). **Mortos sem flores: ausência dos rituais de despedida**. Blumenau: 3 de Maio, 2020. p. 19-27.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. **Psicologia Ciência e Profissão**, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 484-497, nov. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>
- KOVÁCS, M. J. A morte em vida. *In*: FRANCO, M. H. P. et al. (Org.). **Vida e morte: laços da existência**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 11-33.
- KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte: quebrando paradigmas**. Novo Hamburgo: Sinopsys Editora, 2021.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 10. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LIMA, L. C.; BRITO, A. S. **Entardecer de estações: representações de morte, perda e luto**. Curitiba: Appris, 2016.

LIMA, M. J. V.; ANDRADE, N. M. A atuação do profissional de saúde residente em contato com a morte e o morrer. **Saúde e Sociedade** [online]. 2017, v. 26, n. 4 [Acessado 19 Outubro 2022], pp. 958-972. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902017163041>>. ISSN 1984-0470. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902017163041>.

LUPER, S. **Filosofia da morte**. São Paulo: Madras, 2010.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

NASCIMENTO, L. F. et al. Compreensão da Morte e do Morrer: Um Estudo com Residentes. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2022, v. 42 [Acessado 29 Novembro 2022] , e233879. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003233879>>. Epub 19 Jan 2022. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003233879>.

NUCCI, N. A. G. O fim de uma ilusão. In: FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Educação para a morte: ética, bioética e comunicação**. São Paulo: Phorte Editora, 2021. p. 19-63.

PEREZ, J. O.; DOS SANTOS, D. R.; DÓRO, M. P. A percepção de residentes multiprofissionais da área da saúde sobre o processo de morte. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, v. 11, n. 3, p. Pág. 179-192, 13 abr. 2018. [Acessado 29 Novembro 2022]

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SANTOS, T. F.; PINTARELLI, V. L. Educação para o Processo do Morrer e da Morte pelos Estudantes de Medicina e Médicos Residentes. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2019, v. 43, n. 2 [Acessado 22 Outubro 2022], pp. 5-14. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-52712015v43n2RB20180058>>. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v43n2RB20180058>.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

APÊNDICE

FORMULÁRIO DE REVISÃO DE LITERATURA	
DATA DE BUSCA	
IDIOMA E BASE DE DADOS	
TÍTULO DO ARTIGO	
AUTOR E ANO DE PUBLICAÇÃO	
ABORDAGEM/MÉTODO DA PESQUISA	
TIPO DE PESQUISA	
OBJETIVOS	
RESULTADOS	
O Artigo Corresponde Aos Critérios De Inclusão Adotados? ()sim ()não	

(Formulário elaborado pelo autor)